

Igrejas no modelo de Células: um estudo da igreja do Evangelho Quadrangular em Santarém¹.

Diego Darlisson dos Santos Sousa, UFAM/AM²

PALARAS-CHAVES: Pentecostais, Modelo de Células, Política.

Introdução: Construção do Objeto.

Esta pesquisa pretende descrever as formas de arregimentação praticadas pelas Igrejas do Evangelho Quadrangular (IEQ) na cidade de Santarém e o papel fundamental do modelo de células, assumidos por essa corrente religiosa nesse panorama de disputas políticas. No âmbito da disputa eleitoral do ano de 2014 acompanhei várias reuniões de "arregimentação" política, meu interesse inicial era dar continuidade a outra pesquisa sobre formas de relacionamento entre jovens desta religião, Dentre estas idas ao campo, pude observar em uma das reuniões de *arregimentação*. Essa nomenclatura era utilizada pelo pastor superintendente na igreja, quando fazia o convite para reuniões que aconteciam em locais externos à igreja, segundo os líderes da IEQ "para evitar a participação de pessoas contrárias a esse tipo de trabalho político partidário da igreja". Acrescenta-se a isso o fato de que neste período, primeiro de junho de 2014, a campanha política eleitoral não havia, para fins jurídicos, iniciado. Essas reuniões ocorreram entre o período de junho e outubro, e pude verificar quais táticas seriam utilizadas para a conquista de votos aos dois representantes da IEQ no estado do Pará.

Na candidatura à deputado estadual, estava concorrendo à reeleição o pastor/deputado³ Martinho Carmona, primeiro vice-presidente do conselho estadual, e para deputado federal o pastor e presidente do conselho estadual, além de fundador da igreja no estado do Pará, Pr. Josué Bengtson. O conselho estadual na hierarquia da

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

² Mestrando em Antropologia Social na Universidade Federal do Amazonas. Graduado em Antropologia na Universidade Federal Oeste do Pará, diego29stm@gmail.com.

³ Uso esta ordem pastor/deputado ao invés de deputado/pastor, pois em uma reunião semanal a então superintendente de células expôs para a igreja local essa diferença dizendo que a igreja não precisava de advogados que fossem crentes, empresários que fossem crentes, e nem políticos crentes e etc. Nas palavras dela igreja precisaria de crentes que fossem advogados, para isso deu o exemplo de Daniel e José do Egito que segundo ela, foram em seu tempo (antigo testamento da bíblia cristã) servos de Deus que ocuparam cargos políticos.

igreja é o maior posto, acima da presidência estadual está apenas o conselho nacional de pastores. Na primeira, da série de reuniões que ocorreram neste período, foi distribuído entre os presentes: pastores, *líderes de células* e fiéis da igreja em geral, um formulário com espaço para o preenchimento de dez nomes. Nomes de familiares, colegas de trabalho, de aula e outros. Essas pessoas que teriam seus nomes escritos no formulário deveriam assumir o compromisso de votar nos candidatos da igreja, Martinho Carmona e Josué Bengtson. E na reunião seguinte deveriam estar presentes, para que pudessem também participar da formulação de estratégias para a campanha eleitoral e trazer novos votantes, amigos, vizinhos etc. E assim, criar uma rede de atuação engajada na conquista de votos.

Foi nesse o momento que surgiu em campo a temática deste trabalho, o soar do antropológico blues de que nos falou Roberto DaMatta quando o menino apinayé Pengy veio dar-lhe pulseiras e disse que eram para seu filho (DAMATTA 1978:10). Ou ainda a “batida” policial na briga de galo, que permite a Geertz o acesso ao universo balinês. (GEERTZ,1989)⁴. Ali ficou claro que tais reuniões seriam chaves para compreender e aproximar as relações entre “*modelo de células*” e a representação político partidária.

Esse “*modelo de células*” tem sua ênfase em cultos nas casas dos fiéis participantes da igreja. Essas reuniões ocorrem semanalmente e seu objetivo é que os participantes possam levar convidados para esta e possam tornar-se membros dessa célula. Os participantes são o *anfitrião*, que sede sua residência, o *líder* responsável pela organização, sermão e quem possui o maior prestígio dentro da célula. E na célula é quem representa o “clero”, o “padre”, o “pastor”. A célula também pode contar com um *vice-líder*, que além de auxiliar o *líder* será o responsável pela próxima *célula*, caso esta se multiplique em outra célula e conseqüentemente vá para outra residência.

Cada um destes participantes (*anfitrião; líder e vice-líder*) são responsáveis por levar um convidado para as reuniões semanais, seja um vizinho, amigo, parente. Assim que a célula alcance número superior a 12 pessoas, a sua multiplicação deve ocorrer; isso porque o número de pessoas superior a este, na visão dos participantes, atrapalha a interação dentro da célula.

4 Para compreender a escolha de um momento de entrada no campo, ênfase textual e escrita antropológica ver James Clifford 2011.

Então uma nova célula ocorrerá em outra residência, metade dos participantes ficaram na célula de origem e os demais devem participar da nova e deveram levar outros convidados para que a atuação continue ocorrendo assim como o crescimento numérico.

A tática de arregimentação de votos para a campanha era muito semelhante à forma do trabalho praticado através do “*modelo de células*” o qual a igreja adotou para sua organização eclesiástica. Nasce à hipótese norteadora do presente trabalho, quando semanas antes os líderes as IEQ expunham em seus discursos, a necessidade imprescindível da participação de todos os *líderes de célula* nas reuniões de arregimentação. Seria pelo fato dos *líderes de células* serem os que estavam mais próximos dessa atuação dentro da igreja?

Da Matta (1978) pontua que o antropólogo em seu trabalho de campo deve realizar uma dupla tarefa, transformar o *exótico* em *familiar* e o *familiar* em *exótico* nesse movimento que constitui a própria trajetória da disciplina. A segunda parte do movimento, seria o distanciamento do *familiar* “e assim descobrir o exótico no que está petrificado dentro de nós” (Da Matta 1978 p 5). E Velho (1978), em seu artigo *Observando o familiar*, demonstra que sem dúvida esses movimentos são efetuados, no entanto a questão envolve não somente uma distância social ou geográfica, pois cabe ao antropólogo no exercício de suas atividades desnaturalizar as suas categorias tornando possível a interpretação, a partir de determinado ponto de vista, assim “permite-nos observar o familiar e estudá-lo sem paranoias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros.” (Velho 1978:9). Sobre esse “problema” foi retomado no artigo sobre metodologia de pesquisa em contexto urbano por José Magnani:

Essa questão da “distância” como condição para a análise antropológica, assim como outras, correlatas – a relação sujeito/objeto, colocar-se ou não no lugar do outro, dar voz ao nativo, o caráter da participação na observação participante, a autoria do texto etnográfico – já rendeu muita discussão e não será retomada aqui. Mas há um ponto que vale a pena identificar porque tem implicações para o argumento deste artigo: trata-se da natureza, da especificidade do conhecimento proporcionado pelo modo de operar da etnografia e que – de acordo com a hipótese que está sendo trabalhada – permite-lhe captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números. (Magnani, 2002:16)

Sem dúvida podemos destacar que após o processo descolonização ocorrido a partir das décadas de 60 do século passado, a teoria antropológica sofreu grandes mudanças, as até então consideradas, minorias políticas ganham/exigem um posto diferenciado na dicotomia pesquisador e pesquisado. Além de reivindicarem a autoria e o direito de reescreverem as suas próprias histórias e trajetórias nessa dimensão da produção de conhecimento. A chamada crítica pós-moderna evidencia, por meio dessa polifonia, uma relação entre “nativos” e produção antropológica, a influência do “objeto” antropológico e da forma de entrada em campo. James Clifford (2011) em sua crítica a autoridade etnográfica demonstra que o fazer antropológico é preponderantemente centrado na escrita. O fazer antropológico, seu campo de atuação, sua metodologia tornam se possíveis em toda e qualquer relação, pelo fato desse novo foco. A etnografia é legitimada pela experiência da interpretação, e não mais pelo estar lá. Sendo assim, faz-se possível em qualquer contexto e com isso novas possibilidades de campos etnográficos emergem. Assim, como novas críticas e perspectivas teóricas.

Roy Wagner (2010) no primeiro capítulo de seu livro *A invenção da cultura*, em sua abordagem semiológica, reitera, nos dizendo que a única forma de fazer o trabalho antropológico é tomando como ponto de partida nossas categorias. Referenciando os *símbolos* de nossos interlocutores a *referentes* de nosso próprio universo simbólico. Afinal a *escrita antropológica*⁵ é para um público bem específico “ele [antropólogo] só consegue comunicar essa compreensão se o seu relato fizer sentido nos termos de sua cultura” (Wagner, 2010:29).

Já que os símbolos circulam em contextos diferenciados, cabe ao pesquisador ter o controle desse movimento simultâneo e manter a contextualização de *obviação*, *convenção* e *invenção*, respectivamente, *grosso modo*: junção de significados e referente, que por sua vez também são significados; assumi o que são; criar novas relações, controle desestabilizado. “Assim, a invenção das culturas, e da cultura em geral, muitas vezes começa com a invenção de uma cultura particular, e esta, por força do processo de invenção, ao mesmo tempo é e não é a própria cultura do inventor.” (Wagner, 2010 p. 37).

Ainda se tratando de elementos metodológicos utilizados em estudos feitos em campos etnográficos considerados *familiares*, isto é, escrever sobre um mesmo universo

5 CLIFFORD, James . A experiência etnográfica. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 4 ed. 2011.

simbólico ao qual se pertence. Um argumento promissor presente na obra de Marilyn Strathern (2014) mostra-se muito eficaz como pressuposto para o presente trabalho.

A antropóloga britânica salienta duas suposições que geralmente cercam os trabalhos feitos em terreno familiar, ou seguindo sua definição, trabalhos feitos a partir de uma *autoantropologia*. A primeira suposição seria que esses antropólogos chegariam à melhores resultados, e se por um lado seriam trabalhos recheados de contribuições espetaculares, mas poderiam por outro, ser extremamente tautológico. A segunda que a sistematização antropológica é válida em todo e qualquer lugar, torna complexo aquilo que era simples, e todos já sabiam.

Contudo, a crítica posta por Strathern (2014) não alude a uma mera devolução da informação recebida, “mas ao processamento antropológico do ‘conhecimento’ informado por conceitos que também pertencem à sociedade e à cultura estudadas” (Strathern, 2014:136) Para ela a possibilidade de uma *autoantropologia* está contida, apenas na continuidade conceitual dos trabalhos, em relação aos discursos dos agentes a quem os estudos são referidos. Não podemos esquecer, continua Strathern,

São os próprios antropólogos que constituem uma classe universal; são eles que compartilham preceitos e preocupações [...] Não se deve decidir se os antropólogos estão trabalhando em casa como antropólogos com base em se eles se autodenominam malaios, pertencem aos ciganos Travellers ou nasceram em Essex; isso deve ser decidido pela relação entre suas técnicas de organização do conhecimento e a forma como as pessoas organizam o conhecimento sobre elas mesmas (STRATHERN, 2014:157).

UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR (IEQ) E OS MUITOS PENTECOSTALISMOS.

“Diferir é existir” com essa frase o professor Eduardo Viana Vargas inicia a introdução do livro *Monodologia e Sociologia e outros ensaios* de Gabriel Tarde (2007). No contexto pentecostal, no qual o presente estudo se encontra percebemos a eficácia do enunciado. Vemos que mudanças são constantes e preponderantes para que os grupos evangélicos possam existir, nesse contexto, as recorrentes transformações são traduzidas como *avivamento* ou ainda *reavivamento*.

Essas mudanças são na maioria das vezes tidas como retomada aos tempos neotestamentais, a contemporaneidade dos acontecimentos bíblicos como: Profecias;

discursar sobre coisas futuras ou não conhecidas pelos demais. Milagres; cura pela fé, unção de óleos, sal, roupas. Glossolalia (falar em línguas); proferir palavras inaudíveis, interpretada apenas por pessoas possuidoras do “dom de interpretação” atribuição “concedida pelo Espírito Santo”.

Os “avivamentos” segundo Almeida (2004) são uma herança desenvolvida pelos protestantes dos Estados Unidos, com certa ênfase comportamental e principalmente emocional, “os ‘avivamentos espirituais’ (*revivals* que se configuram como êxtase religioso decorrente de momentos coletivos de efervescência *da fé*)”. Períodos históricos caracterizados por intensa propagação dos dogmas cristãos, além de busca de êxtase como fuga do mundo pela expectativa escatológica⁶ ou fim do mundo terreno (Almeida, 2004:39).

O pentecostalismo no Brasil, vertente do cristianismo que enfatiza a continuidade dos tempos bíblicos, a contemporaneidade de milagres pela fé, através da crença no agir do Espírito Santo, por meio de profecias, curas, e falar em línguas. Vem tendo diversas mudanças no decorrer da sua história, desde a primeira década do século XX com a fundação das igrejas Cristã do Brasil, na cidade de São Paulo em 1910 e um ano depois da Assembleia de Deus em Belém do Pará seguindo durante todo o século diversas formas diferenciadas de pentecostalismo e ramificações surgem, enfatizava se o falar em línguas e profecias.

A Igreja do Evangelho Quadrangular, após sua fundação em 1953 no estado de São Paulo, trouxe novas igrejas e formas de *pentecostalismos*. Sua atuação e ênfase na cura divina, por meio da fé. Surgiram as igrejas Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa de Benção.

Já após a metade da década de 1970 surgem: Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e a Renascer em Cristo, esse grupo *neopentecostal* é caracterizado pela prática do exorcismo, pela interação numérico e simbólica do universo do protestantismo e umbanda uma espécie de sincretismo às avessas, reelaborando sua forma a partir de uma lógica evangélica-pentecostal e catolicismo afro-kardecista entorno da figura do diabo o que embasa as lutas por território através de batalhas espirituais. Os exorcismos, nessa lógica, como libertação de forças malignas. (Almeida & Monteiro, 2001).

⁶ **Escatologia** (do grego antigo εσχάτος, "último", mais o sufixo -logia) é uma parte da teologia e filosofia que trata dos últimos eventos na história do mundo ou do destino final do gênero humano, comumente denominado como fim do mundo

Esses momentos foram chamados pela literatura sociológica da religião de “três ondas do pentecostalismo brasileiro” (Freson 1993 apud Almeida, 2006:1) Ou ainda de: pentecostalismo clássico, deuterpentecostalismo e neopentecostalismo por Ricardo Mariano (Oliveira 2012) e (Silva 2007). Ronaldo Almeida (2006) em sua análise sobre as rupturas e continuidades do campo religioso protestante pentecostal brasileiro afirma:

(...) ainda não surgiu uma nova inflexão tão significativa no interior deste segmento que pelo menos tenha se consolidado. Não há recentemente nada mais impactante do que a mudança no final dos anos 70 e 80 entre os pentecostais e de forma mais alargada entre os evangélicos. (Almeida, 2006: 2)

No entanto durante o início da década de 1990 surge e ganha visibilidade no cenário nacional as igrejas no *modelo de células*. Caracterizado pela recorrência de cultos nas residências, ênfase no acompanhamento dos fiéis por outros fiéis, através do *discipulado*, forma de interação pessoal que gera laços cerimoniais, se embasa na premissa que para o crescimento espiritual os participantes da igreja devem compartilhar suas experiências com outras pessoas que serão responsáveis por acompanhar na sua caminhada espiritual.

Percebemos que o pentecostalismo é repleto de diferenciações, reelaborações de suas práticas e ênfases diferenciadas na forma de sua crença. Notamos ainda suas formas de estar no mundo através de suas relações, com outras formas de crenças, seja no universo simbólico cristão, como evangélicos históricos e evangélicos pentecostais, ou em outras formas religiosas como o pentecostalismo e a interação com as religiões de matrizes africanas. Nisso, se faz produtivo buscar contrapontos com a teoria das monadas de Tarde (2007), enquanto possível forma de estratégia das partículas infinitesimais da vertente religiosa: “Células”⁷.

Bateson (2002) aponta para a utilidade de focar em elementos que produzem uma diferença em seu meio e através dessa geram padrões de conexões. Isso nos

⁷ Por compreensão das similitudes durkheiminiana entre a ação das *células*, podemos posicionar a parte estando na construção de um todo, igreja. Por pertencer a organização das igrejas qualquer célula precisa esta contido no todo, em uma relação análoga a indivíduo/sociedade. Seguindo um tipo de segmentaridade como a apresentada em *Os nuer*, por Evans Pritchard. No entanto a postura adotada aqui privilegia entender que dentro da célula está contido todo o projeto da igreja, em seus mais variados níveis. Transformando a conquista através da eliminação do outro, tornando o outro em si através da conquista, que é base para toda relação humana ou não humana. A segmentaridade adotada seria rizomática.

permite enxergar o campo das “células” a partir de uma forma de abordagem pautada em elementos (células) que revelam conexões entre agências dos produtores (como dizem os fiéis “que implantam a visão”) e dos propulsores (os líderes e outros do organograma de cada “célula”) na difusão da IEQ na cidade de Santarém. Para abordar esse campo etnográfico iremos buscar na universalidade das monadas, de Tarde (2007) instrumentos epistemológicos que nos permitam mapear as atividades das “células”.

Dessa forma podemos observar esse microcosmo proselitista “célula”, como nutrido por “*crença*” dos fiéis e pelo “*desejo*” de expandir sua abrangência. O que Pierucci chamou de marca registrada das “religiões *universais* de salvação *individual*” (Pierucci, 2006:122). Seriam as formas religiosas monoteístas, em que seus adeptos são incumbidos de missão dada por sua divindade, a propagação universal da própria fé representante. Em suma, aquelas religiões que veem em todos (praticantes ou não praticantes) um possível neófito, para usar o termo dos interlocutores “um pretense discípulo”. O objetivo é demonstrar como as “células” podem ser observadas como detentoras em si, de toda a constituição das religiões *universais*.

Na proposta elaborada por Tarde, “*as duas forças da alma chamadas crença e desejo, de onde derivam a afirmação e a vontade, apresentam esse caráter eminente e distintivo*”(2007:67). Sendo as monadas esta forma gestora do mundo possível, infinita em possibilidades de estar. Observamos as “células” da mesma forma, através da possibilidade de expandir-se e dominar as diversas formas e planos da organização eclesiástica.

As formas de estar como o cristianismo apresenta diversos contextos, e ao longo do tempo está longe de ser homogeneia, temos igrejas apostólicas romanas e ortodoxas, evangélicas históricas ou pentecostais. Religiões *globalizantes* ou *mundiais*, como o caso desta de conversão pessoal, ou melhor, que veem em qualquer indivíduo um possível participante do grupo, e que para isso deve passar por um ritual de conversão individual. Partindo disso podemos caracterizar e classificar as igrejas cristãs.

No entanto, se refinarmos nosso foco perceberemos que dentro desse grupo temos um grande divisor, *católicos* e *protestantes*, essa segmentação ganhou força no início do século XVI. O cristianismo dissidente não católico, conhecidos também por *evangélicos*, termo que tem sua gênese nos primeiros livros do novo testamento, sendo estes os “seguidores das boas novas”. Dentre estes estariam as igrejas protestantes históricas, Luterana, Anglicana, Metodista, Presbiteriana, Batista, Adventista,

Pentecostais tradicionais, Assembleia de Deus, Deus é Amor, Brasil para Cristo, Igreja do Evangelho Quadrangular, e por falta de um melhor termo as Neopentecostais ou pós-pentecostais, Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra. Dando base para expor que o grupo pentecostal no Brasil está longe de ser coeso.

As igrejas pentecostais no Brasil, mas não somente, costumam pontuar sua origem aos acontecimentos da Rua Azusa no ano de 1906. Fato histórico ocorrido na cidade de Los Angeles, Califórnia, esses acontecimentos se deram em um galpão alugado por William Joseph Seymour, onde vários líderes de diferentes denominações cristãs eram convidados a participar e terem um novo contato com “o poder do Espírito” evidenciado através de transe coletivo, glossolalia e curas. Aos que eram “batizados por este espírito de fogo” era dado dons. (Campos, 2005)

Os evangélicos pré-pentecostais assimilam esse acontecimento à profecia neotestamental, de um novo batismo. Diferente da imersão em água, um batismo espiritual.

Eu vos batizo com água para o arrependimento, mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. De fato, eu não sou digno nem ao menos de tirar-lhes as sandálias. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. (Mt: 3. 11)

Segundo a crença quadrangular, sua fundadora Aimée Semple Macpherson recebeu uma visão no início da década de 1920, em Los Angeles (EUA), com seu discurso que enfatizava a cura pela fé, em tendas itinerante de lona e o uso intenso do rádio, propiciaram uma grande abrangência e dissimilação que foi digna de citação de um dos grandes patriarcas de nossa disciplina Bronislaw Malinowski. (Malinowski 1960:44)⁸.

A revelação de Aimée Semple Macpherson ocorreu ao ler a passagem bíblica do antigo testamento do profeta Ezequiel capítulo um e versículos de quatro a dez.

Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do norte, uma grande nuvem, com um fogo revolvendo-se nela, e um resplendor ao redor, e no meio dela havia uma coisa, como de cor de âmbar, que saía do meio do fogo. E do meio

⁸ A citação de Malinowski com sabemos, exemplificando, a revelação de Aimmé e outros, para ele a única forma de ocorrer é através de comportamento organizado, regrado por instituições que sustentam a sociedade.

dela saía a semelhança de quatro seres viventes. E esta era a sua aparência: tinham a semelhança de homem.

E cada um tinha quatro rostos, como também cada um deles quatro asas. E os seus pés eram pés direitos; e as plantas dos seus pés como a planta do pé de uma bezerra, e luziam como a cor de cobre polido. E tinham mãos de homem debaixo das suas asas, aos quatro lados; e assim todos quatro tinham seus rostos e suas asas. Uniam-se as suas asas uma à outra; não se viravam quando andavam, e cada qual andava continuamente em frente. E a semelhança dos seus rostos era como o rosto de homem; e do lado direito todos os quatro tinham rosto de leão, e do lado esquerdo todos os quatro tinham rosto de boi; e também tinham rosto de águia todos os quatro. Ez 1:1-10

Nesse trecho no qual é apresentado um ser de quatro faces: boi, homem, águia e leão. Sendo cada um destes uma representação segundo Aimmé do ministério de Jesus na terra: Salvador, curador, batizador com o “Espírito Santo”, rei que voltará, respectivamente. Resgatar os humanos para uma vida eterna, um mundo vindouro; curar o mundo da doença que acomete a humanidade pelo pecado de forma física ou não; revestimento espiritual que leva o homem de uma humanidade imperfeita a uma espiritualidade perfeita; retornará como condutor para um mundo supraterrâneo. Cada um desses ministérios é simbolizado por uma cor: vermelho, azul, amarelo e lilás. Outra forma de simbolização estaria representada, na cruz lugar do sacrifício emissor da salvação, cálice, simbolizando a cura, pomba evidencia do Espírito Santo, e coroa representando o reinado vindouro.

Isso estaria relacionado à forma pela qual o messias cristão é apresentado nos quatro primeiros livros do novo testamento da bíblia, conhecidos por evangelhos, Lucas enfatiza sua face salvadora, Marcos com ênfase na cura, João o homem responsável por um batismo espiritual e Mateus com a ênfase em um retorno messiânico futuro. Por essas doutrinas cardinais da IEQ, podemos verificar a marca dos pentecostais, glossolalia e transe coletivo, e por meio do “batismo com Espírito Santo”, sendo as evidências desta manifestação, cura pela fé através de “dons do Espírito” a promessa de salvação e a crença no retorno do Messias. Sendo esse o conjunto que crenças, princípios e representações balisares para os fiéis da IEQ.

PENTECOSTALISMO E O MODELO DE CÉLULAS: RECORRÊNCIA DE CULTO NOS LARES.

Cultos nos lares de fiéis de igrejas cristãs têm sua prática, já mencionada, desde os tempos do novo testamento bíblico seja pela perseguição ou por falta de templos essa prática já era mencionada. Contudo o modelo celular ao qual iremos analisar, assim como seu discurso de “retorno” as práticas do cristianismo primitivo, estão ligados à uma forma específica de organização com surgimento no final do século XX. César Castellano Dominguez e sua esposa Cláudia Castellano foram os idealizadores de igreja no formato de célula no Modelo dos 12. Nesse modelo de igrejas, cada um de seus participantes deve se propor a atuar como um mestre de outros doze, ensinado a atuação dentro e fora da igreja, uma relação de paternidade espiritual, no doutrinamento e repasse de experiências essa relação é chamada de discipulado.

Castellano iniciou sua atuação na Missão Carismática Internacional em solo colombiano, e posteriormente alcançou a América Latina. Nitidamente inspirado pelo modelo de igrejas sul coreano liderada pelo Pr. David Yonggi Cho, que propõe um modelo de multiplicação geométrico dos membros da igreja, uma espécie de multiplicação celular Andrade (2010), (Gomes 2010) e (Silva Dias 2009).

Desde seus primeiros anos de atuação no Brasil, estão na frente de sua empreitada o Pr. Rene Terra Nova, líder do Ministério Internacional da Restauração (MIR), e criador do G12, modelo semelhante ao de Castellano, alterado a nomenclatura para uso no MIR e sobre a responsabilidade de Terra Nova. Quanto ao número 12 em ambos, simboliza os discípulos de Jesus, já que os cristãos são seguidores deste nada mais plausível do que repetir o número de discípulos.

Modelos similares aos de Cesar Castellano, David Yonggi Cho, e Terra Nova , não são únicos como demonstrou Andrade (2010), estes estão em várias...

“denominações como: Batistas, Assembleia de Deus, Metodistas, Presbiterianos, Igreja do Evangelho Quadrangular, entre outros ministérios Independentes e países como; EUA, Turquia, China, Rússia, Alemanha, Inglaterra, Escócia, Coreia , Grécia, Canadá, Espanha, Argentina, Peru, Paraguai, México, Porto Rico, Venezuela, Panamá, Costa Rica” (Andrade, 2010:58)

Para continuarmos pontuando a abrangência de nosso campo etnográfico. Há na cidade de Santarém, um evento anual organizado pela Igreja da Paz recebendo, líderes

de diversas igrejas e estados do Brasil além de outras partes do mundo⁹. A conferência do MDA acontece no mês de outubro e demonstra a força desse movimento na cidade de Santarém. Em entrevista feita com Pr. Carlos um dos pastores da IEQ na cidade de Santarém, disse:

Onde o trabalho é bom (eficiente) com células é aqui! [em Santarém] Manaus, Goiás, Minas. E São Paulo por que é a sede nacional. Mas se você quer estudar células o melhor lugar é aqui!¹⁰

E termina sorrindo e dizendo jocosamente: “todo mundo vem aprender trabalhar em células aqui e tu quer ir estudar para fora.” Em período de Mobilidade Externa Nacional na cidade de São Paulo, pude entrevistar o atual pastor titular da primeira Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil, IEQ de Santa Cecília ou da Praça Olavo Bilac, o Pr. Davi Rodrigues que está nesse cargo desde o ano de 2001. Ao chegar à igreja de Santa Cecília em uma quarta feira à noite, logo ouvi o pastor Davi dizendo quem seria o pastor convidado a pregar no culto do domingo seguinte. Ao término dessa reunião fui até a recepcionista da igreja e perguntei se poderia falar com o pastor. Ela, uma senhora de aproximadamente 60 anos disse: “poderia esperar? Ele já está para entrar no escritório, aí te apresento a ele.”

Nesse meio tempo, ela perguntou: “cansado né? Como é seu nome meu filho, você é daqui?” Antes de poder terminar de responder a ela, chegou outro pastor, Pr. Monteiro, abraçou-me e entregou um cartão com seu nome e telefone, seguido da frase “a meu amigo” e no espaço em branco preencheu à caneta com meu nome. Dizendo: “próxima quarta tu vai ficar na minha fileira”.

Enfim Pr. Davi chega, antes de me atender fala com algumas pessoas. Ao me apresentar disse que era aluno em uma curta temporada de estudo em São Paulo, vinha do estado do Pará. Comentei com ele sobre meu interesse em fazer um trabalho acadêmico sobre a organização da igreja. E que tinha interesse em entrevistá-lo. Muito solícito me levou até sua secretária pessoal que conhecia sua agenda e poderia verificar uma data e hora apropriada. Sua secretária me deu dois números de telefone que poderia ligar para ela, em horário comercial no dia seguinte para marcar a entrevista com o pastor, explicou que naquele momento não estava com a agenda dele e que poderia

⁹ Para informações mais apuradas sobre o modelo de células proposto pela Igreja da Paz em Santarém ver Sousa, 2016.

¹⁰ entrevista concedida em 18 de abril de 2015.

marcar uma hora e chocar com algum outro compromisso previamente agendado. Durante aquela semana não pude fazer a ligação e somente retornei a igreja no domingo que contou com a presença do Pr. Emerson. Este foi convidado a retornar, pois já havia pregado ali. Pr. Emerson Alves é pastor superintendente da cidade de Inajás, no Marajó estado do Pará, ganhou visibilidade a nível nacional dentro da igreja Quadrangular por trabalhar com igrejas em células, e conseguiu dentro de um ano abrir 30 igrejas.

Neste dia durante o culto o Pr. Davi falou sobre os líderes de 4 por 4, líderes de fileira, e que todos os presentes estavam convidados a aprender mais sobre tais assuntos, na quarta feira, e que esses métodos tem ajudado o crescimento numérico da igreja, e o acompanhamento dos neófitos. Durante o culto estranhei (Velho 1978) não ouvir a palavra tão esperada por mim, “células”, mesmo se tratando de um culto com um convidado “especialista” no assunto. Não havia referência ao “modelo de células” no discurso, no entanto o método era semelhante assim como seus “benefícios”, até mesmo um culto para falar somente sobre o tema havia.

Procurei a secretária e expliquei o motivo de não ter feito o contato prometido, e agendamos a entrevista. Por estar um tanto atônito com a ausência da palavra “célula”, ponto crucial de meu objeto de pesquisa, e continuar estranhando o idioma utilizado. Optei por observar a reunião de quarta-feira, que estaria na responsabilidade dos líderes de fileiras e de 4 por 4. Com um pouco mais de tempo para tentar compreender do que se tratava, observar com mais atenção à reunião e pensar em perguntas que permitisse interpretar aqueles dados.

Chegado o dia da entrevista perguntei de inicio ao pastor, o que seria o 4 por 4? E sua resposta foi:

Durante aproximadamente de 16 anos o Conselho Nacional de pastores proibiu que as igrejas fizessem células, pois estavam trazendo visões divergentes para dentro da igreja, vários modelos e estava dividindo a igreja, era o modelo que vinha da Colômbia o modelo do Terra Nova e outros...O conselho nacional cortou células do Brasil todo, com exceção dos estados do Pará e Amazonas respectivamente liderados por Josué Bengtson e Manoel Martins, eles estavam bem, então permaneceram. A igreja da Olavo Bilac foi muito machucada pela visão celular pelo pastor que estava aqui.

Aproximadamente há 14 anos, fui designado pelo Presidente nacional Reverendo Mario Oliveira a sarar a IEQ Olavo Bilac. Depois de um ano e meio, a visão do conselho nacional quanto às células mudou. Observando o avanço que ocorreu no estado do Pará e Amazonas o Conselho Nacional

passou a estimular que as igrejas de outros lugares do Brasil pudessem trabalhar com células. Nisso, eu que sou uma pessoa que gosta de aprender, e até pelo cuidado, fui ao estado do Pará, no mês de agosto do ano de 2014 com outros dez pastores e líderes que estão sobre minha supervisão. Por ter tido problemas na igreja com o termo *células* e o pastor anterior ter trazido visões divergentes para dentro da igreja. Percebi que não posso usar o nome *células*, de jeito nenhum. Eu tinha um carro 4 por 4 e via propagandas de televisão que diziam que o 4 por 4 era um grande desafio. Então pensei, seria um homem, responsável por orar por 4 lugares do mundo, ou os quatro pontos cardiais, ou os quatro símbolos da igreja ou quatro pessoas. Percebi a visão do MDA e conversei com o pastor Walter, líder estadual de jovens no Pará. São os cultos nos lares buscar, ganhar, cuidar, discipular. Para ganhar, tenho que ir nos lares! E trazer para a igreja para que possam ser ganhas e participarem dos grupos missionários de homens, ou mulheres... Só que a forma que dá certo no Pará não é possível fazer na cidade de São Paulo. Pela grande distância o trânsito as jornadas diferenciadas de trabalho, por isso, criamos outras formas, uma delas é o líder de fileira. Hoje tem 19 líderes de fileira na igreja, esses são responsáveis por ligar para as pessoas daquela fileira, durante a semana. De cuidar daqueles de cada fila. Na igreja tem 4 superintendente que são responsáveis pelos 19 que estão encarregados das fileiras. Esses cultos são cultos temáticos onde os líderes de fileira conversão com os membros de fileira. E conversam *na igreja* com seus liderados depois de cada reunião¹¹.

Percebemos que o estado do Pará e a cidade de Santarém emergem no discurso dos líderes e pastores das igrejas como centro produtor de diferentes modos de organização e crescimento numérico das igrejas e tem legitimidade como ponto de aprendizado sobre o modelo celular.

COMUNHÃO, COMER JUNTO E PRODUZIR PARENTESCO.

Quarta feira, por volta das 19 horas, se começa a ouvir músicas gospel em algumas casas, em suas varandas, garagem ou salas. Cadeiras organizadas de forma circular, as pessoas chegam e cumprimentam-se. Então, o líder faz uma oração espontânea¹² para dar início à reunião. Cantam quatro ou cinco músicas, leem a bíblia e

¹¹ entrevista concedida em 12 de agosto de 2015.

¹² *Oração* para os evangélicos diferencia-se da *reza*. Para esses os católicos ao *rezarem* não expressão seus sentimentos, pois a reza é vista como mera repetição. A oração que seria espontânea e não repetida, por sua vez demonstraria o acesso direto a divindade. Essa noção é herança dos escritos de Lutero, da mesma forma que a livre leitura dos escritos bíblicos.

uma apostila que traz o assunto previamente escolhido que deverá ser tratado naquela reunião. Logo após o líder terminar sua explanação, compartilha a fala com os demais presentes: “agora a oportunidade é do irmão, conte sua bênção?”. Após todos terem um momento para se comunicar uns com os outros, oram novamente pelas ofertas em dinheiro, pelo lanche, é colhida a “oferta” as contribuições financeiras que cada um dos participantes traz de sua residência, e então é servido um lanche.

Essa é a estrutura recorrente em todas as células. Como dito anteriormente, as igrejas que praticam o modelo de células, veem uma retomada de práticas narradas pelo escritor do livro de Atos, Lucas ao descrever os primeiros acontecimentos pós-morte do Messias cristão, onde escreve:

E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister. E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração. Louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar. (At 2: 44-47)

Esse momento histórico, visto como primeira ocasião de crescimento numérico da igreja cristã. É o tipo ideal de organização almejado pelas igrejas que praticam o modelo de células, entendem que se tiverem próximos das práticas do momento bíblico, irão conseguir o mesmo crescimento numérico, vivenciado pelos primeiros cristãos, *igreja primitiva* segundo o discurso cristão. Essa passagem bíblica é a principal referência para que as igrejas em células possam se legitimar dentre as demais, visto que grande parte da estrutura do modelo de células é vinculado a esse trecho. *Estar junto, compartilhar com os próximos, em casas.* Disso surgiu, para esse meio, a expressão “comunhão” a prática de algo em comum, compartilhado por “todos”. Aqui todos os participantes das células. Essa vivência, os momentos que estão juntos são chamados de *comunhão*. Nas células cada participante tem a sua disposição um momento em que poderá falar, compartilhar alguma “bênção alcançada”, um pedido de oração, um acontecimento do cotidiano, ou uma pergunta relacionada aos princípios cristãos.

Essa união é pretendida em todas as células, onde cada pessoa possa compartilhar com os demais participantes da célula que frequenta, suas experiências. Assim como todas as células da igreja possam partilhar de tal vivência. Nessa tentativa, bimensalmente reuniões ampliadas, com a participação de todas as células de uma

igreja, ocorrem em uma das casas onde há uma célula, para celebrarem juntos uma “comunhão de células”; existe uma rotatividade das casas que recebem essas “comunhões”. No entanto, no bairro do Uruará onde há uma congregação ligada a igreja do bairro da Prainha, a pastora local comentou que encontrava dificuldades por não conseguir fazer uma *comunhão* entre as duas células daquela igreja, já que “os membros de uma célula não falavam com os membros da outra”, não tinham uma boa convivência.

Como citado pelo Pr. Davi Rodrigues, o Conselho Nacional de Pastores da Igreja do Evangelho Quadrangular por alguns anos proibiu a igreja de estar vinculada ao modelo de células, as únicas exceções são os estados do Pará e Amazonas. Visto que o modelo de células criava um reduto que poderia ser propagador de dissidência entre a igreja. Na igreja de Santa Cecília o pastor afirma que não pode “de jeito nenhum falar em células”, pois o modelo criou ali, várias contestações e atritos. Seja por seu caráter sectário/descentralizado, já que cada líder de célula tem certa autonomia nos ensinamentos repassados em cada reunião, ou ainda por apresentar caráter ostensivo através de cobrança por resultados. Sendo necessária uma ligação que perpassa por diferentes polos de pertencimento e transcende à vinculação à mesma igreja. O que por si só, já aponta para a autonomia da célula.

A literatura antropológica das terras baixas sul-americanas aponta para uma forma própria de se ver as relações parentais, de outro modo, seríamos levados a enfatizar o não pertencimento desses povos às categorizações cunhadas pela antropologia em contextos como “os africanistas ou africanos”, “os melanésios”. Cabendo então categorizações como grupos “fluidos” ou “flexíveis”. Essa variação ou não enquadramento dos grupos ameríndios as categorias de contextos exógenos levou a elaboração de formas próprias de classificação, que tem na corporalidade e construção de pessoa noções basilares. A construção do corpo no continente sul americano, ganha status de um “instrumento *uma* atividade que articula significações sociais e cosmológicas; o corpo é uma matriz de símbolos e um objeto de pensamento” (SEEGER, 1987:11). E sua constituição perpassa por processos de comunicação do corpo com o mundo, através da alimentação, sexualidade, fala e por meio de fluidos corporais como sangue e sêmen. (SEEGER, 1987).

Em observações feitas no decorrer dessa pesquisa, percebi que há momentos de comunhão que ocorrem em meio à célula que tendem a aparentar ainda mais internos. O momento do lanche como ocasião de comensalidade, da troca de fluídos e de produção

de alianças duradouras. Já que a célula é o local onde pessoas são doutrinadas em uma nova perspectiva, por ocasião de um novo nascimento, são instruídos e produzidos socialmente como pessoas participantes de uma nova sociedade, como neófitos que pertencem a um momento inicial de conduta.

Assim, as células teriam momentos mais íntimos em relação à igreja, de maneira análoga a comunhão em relação às células. E já que nas células participam pessoas com menor intimidade, a comunhão seria ainda mais íntima que as células.

A escolha por uma das religiões universais, de conversão individual, como as protestantes pentecostais da qual a Igreja do Evangelho Quadrangular faz parte, requer de seu declarante um momento liminar de troca de perspectiva, que o crente seja capaz de lembrar com detalhes¹³, o momento inicial em que a revelação foi tida.

Para isso, ocorrem etapas de adoção de uma perspectiva cristã, iniciada com uma oração de conversão, passando pelo batismo e encontros/seminários de doutrinamento, esses passos ritualmente produzidos em um período de no entorno de seis meses. Assim que a conversão seja alcançada, o então novo convertido estará apto a converter novos membros.

Para Victor Tuner, o processo ritual é caracterizado por três fases (separação, limiar, agregação) sendo a *liminaridade* a etapa “intermediária entre o distanciamento e a reaproximação em que as características do indivíduo que esta “transitando” são ambíguas, misturando sagrado e profano, por exemplo.” (NORONHA SILVA, 2004: 3). Para um neófito pentecostal seria os momentos de recebimento da oração de conversão, que pode ser ou não um momento “tenso” com possibilidade de ocorrência, daquilo que os interlocutores chamam de “possessões”. Seguido do batismo que marca o “novo nascimento”.

Os momentos de comunhão dentro da célula serão ritualmente o momento de permanência na perspectiva, chamada pelos interlocutores de *consolidação*. O momento de comunhão é a adequação à nova perspectiva, o instante em que se aceita a perspectiva do outro e deixa de ser estranho e passa ao status de pertencente ao grupo, aquele que se come junto, o de casa, o parente espiritual, irmão de fé, o discípulo. O que na leitura sobre ritual seria a fase da *agregação* ao mundo religioso.

13 Herança do fundamentalismo que soa estranho a uma tradição Calvinista, pela ênfase no caráter emotivo (Almeida 2004).

Inegavelmente o modelo de células se vale de redes de parentesco já estabelecidas, se tomarmos com exemplo a célula que ocorre na residência da senhora Ana (anfitriã) - que no mapa em que enumerei as células está numerada com o algarismo três-, multiplicou-se para a casa da senhora Regina (nova anfitriã), isto é, uma outra célula foi aberta – de número quatro no mapa.

Regina e Ana são comadres, por aquela ser madrinha de casamento da filha mais nova desta. Essa aliança de padrinagem entre Ana e Regina é anterior ao pertencimento de ambas à Igreja do Evangelho Quadrangular. O casamento da filha de Ana, ocasião que marcou a gênese dessa relação de compadrio, foi realizado em uma igreja católica, e os laços anteriores (compadrio) foram utilizados para nortear a multiplicação da célula, e abertura de uma outra célula.

Na célula que tem como anfitriã Ana, pude notar em frente à área de sua casa, há um jardim que sua dona cuida com bastante apreço, as ervas ali presentes compõem a base de outros sistemas de crenças, como o das religiões afro-brasileiras (candomblé e umbanda) onde as folhas (seja como plantas ou sob a forma de banhos) tem agência no mundo divino e mítico. A interação simbólica do universo protestante em conjunto com a reelaboração/incorporação de sua forma a partir de uma lógica cristã pentecostal e afro-kardecista, é uma das principais características das igrejas neopentecostais. (Almeida e Monteiro, 2001).

Dentre as ervas que fazem parte do horto da casa e célula de Ana, saltam aos olhos as espécies, pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia*), comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia amoena*), babosa (*Aloe vera*) e boldo (*Peumus boldus*) consideradas por certa cosmologia local e pajelança mas não somente, como plantas de força, plantas de poder, plantas mestras, plantas professoras, que trazem proteção para o local onde são encontradas. Como nesse caso, estão na entrada da residência, agindo como escudo contra possíveis *malícias* que possam advir sobre a casa. Crenças essas que estão longe de uma cosmologia judaico-cristã. Evidenciando um fluxo de crenças entre domínios cosmológicos diferenciados.

As mudanças tanto congregacionais, demonstrado no primeiro exemplo (“co-padrinhagem católica”, e posteriormente “co-anfitriãidade protestante pentecostal”), como o fluxo de crenças presentes no segundo (uso de plantas de força) ambos são característicos do campo religioso brasileiro como aponta Almeida e Monteiro (2001), na análise do *Trânsito Religioso no Brasil* “não é nenhum absurdo supor uma trajetória

que apresentasse mobilidade institucional (num processo de sucessivas “conversões”) ou a simultaneidade de vários credos” (Almeida & Monteiro 2001:100).

OS PENTECOSTAIS NA POLÍTICA PARTIDÁRIA.

Como afirma Ricardo Mariano (2004 & 2013) o número de cristãos pentecostais tem apresentado um crescimento vertiginoso e sua abrangência resultou em uma “inérita” corrida nas eleições presidenciais de 2010, onde os presidentiáveis no segundo turno percorreram o Brasil fazendo alianças com líderes dessas denominações (SANTOS SILVA, 2011) e (GONÇALVES, 2011). Mariano ao analisar o caso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) aponta ainda que a expansão pentecostal ocorre.

de modo constante já há meio século, o que permitiu que o pentecostalismo se tornasse o segundo maior grupo religioso do país. Mas seu avanço não é expressivo apenas nos planos religioso e demográfico. Estende-se pelos campos midiáticos, político partidário, assistencial, editorial e de produtos religiosos. Seus adeptos não se restringem mais somente aos estratos pobres da população, encontrando-se também nas classes médias, incluindo empresários, profissionais liberais, atletas e artistas. Ao lado e por meio disso, o pentecostalismo vem conquistando crescente visibilidade pública, legitimidade e reconhecimento social e deitando e aprofundando raízes nos mais diversos estratos e áreas da sociedade brasileira. (MARIANO 2004:121)

Ainda se tratando das demonstrações da abrangência das igrejas evangélicas, podemos citar a presença na política partidária atual e sua Frente Parlamentar ou Bancada Evangélica, que conta na atual legislatura com o número de 199 deputados federais e ainda 4 senadores, um percentual superior a 38%, segundo o site oficial do congresso. O sociólogo da religião, Peter Berger aponta que os evangélicos protestantes e os “fundamentalistas” islâmicos, são as duas forças florescentes que demonstram com mais ênfase como mundo contemporâneo é fortemente dessecularizado. A teoria da secularização, isso é, “a modernização leva necessariamente a um declínio da religião, tanto na sociedade como na mentalidade das pessoas” (BERGER, 2000:10).

Nessa perspectiva, o protestantismo e o islamismo demonstram a falácia de uma secularização do mundo moderno. Seria a ocupação de espaços políticos por representantes dessas igrejas do modelo celular, um exemplo do que Berger chama de

falácia da secularização. Este mesmo sociólogo da religião demonstra a necessidade de “uma abordagem matizada e caso a caso” para identificarmos com mais clareza o local da religião no mundo atual; e afirma ainda que questões religiosas são cruciais para compreendermos fatos contemporâneos.

A democracia tende a ser um dos elementos mais característicos das sociedades ocidentais, o sufrágio universal sendo evidência de uma dominação estatuída, “lei”, “norma” seu ideal seria agir sem a influência de sentimentos ou motivos pessoais. “As associações políticas modernas constituem os representantes mais conspícuos do tipo *ideal burocrático/legal*” (WEBER, 1991:129). A atualidade da obra de Max Weber é inegável, o passo metodológico de identificar em um tipo ideal burocrático weberiano, como o caso da democracia, a presença de formas de dominação carismáticas e tradicionais é premissa básica para tentar compreender os limites e rupturas que envolvem a presença de religiosos nas esferas político-administrativas do Estado. A dinâmica social dos fenômenos religiosos, aqui analisados, nos coloca essa ambiguidade.

A ambiguidade pode ser percebida “na maneira como esses elementos e formas de relacionar se interpenetram, no âmbito dessa definição ideal de relações associativas e comunitárias; ou mesmo os interesses que se interpenetram entre relações afetivas e institucionais” (WEBER, 2000 apud FERRUGEM, 2012:180).

Entre os grupos pentecostais do qual a Igreja do Evangelho Quadrangular faz parte, convive a crença de que existem demônios territoriais e hereditários agindo sobre as áreas geográficas e familiares, sendo esses demônios os responsáveis por todos os males que assolam a humanidade. E devem ser expulsos (exorcizados) para que ocorra a “libertação” de um indivíduo. Da mesma maneira, a igreja conseguindo estar em espaços em que anteriormente não conseguiria, por outrora estarem assolados por “forças malignas”, é visto como a conquista através de “atos de fé” inclusos como parte da “guerra santa”. Assim as casas que possuem uma *célula*, as ruas que são citadas nas orações, os cargos públicos que são almejados exprimem essa pretensão de conquista de espaços, que começa nas casas dos seus membros, ruas, praças e expandem-se até as assembleias legislativas.

Estes atos tornam visível as ações das igrejas através de “batalhas espirituais”, exemplo maior disto em minha opinião, são as “marchas para Jesus” passeatas organizadas em tom de protesto, por igrejas pentecostais anualmente, em diversas

idades do Brasil. Sendo exemplo de que fatos religiosos não podem ser separados do ciclo das ações habituais, e que as ações religiosas estão orientadas para este mundo (WEBER, 2000:291). A “guerra ou batalhas espirituais”, assim com a “teologia da prosperidade” são características distintivas das atuais igrejas pentecostais (acrescidas ou não dos prefixos neo ou pós). Ater-me-ei aqui às “guerras espirituais” tanto pelo fato do recorte metodológico aqui assumido, como por entender que a “teologia da prosperidade” é encarada pelos evangélicos como uma forma de “batalha espiritual”.

A crença na existência de um mundo que vive em uma constante batalha contra seres demoníacos é expressa na bíblia cristã:

Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais. (Ef. 6:12)

Nessa leitura, tais seres “espirituais da maldade” agiriam no mundo, inclusive na política, causando problemas para o país. “A solução dos problemas brasileiros estaria na eleição de fiéis para os cargos públicos. Em seus postos eles neutralizariam as ações dos demônios, trazendo assim saúde e prosperidade para todo o país.” (Siepierski, 1997:54). Essa premissa do pensamento pentecostal tem ganhado força dentro das igrejas e sua organização em “células” pode ter influenciado na conquista de alguns dos cargos públicos principalmente do legislativo e nas esferas municipais, estaduais e federais no território brasileiro, como demonstra os trabalhos de Gonçalves (2011), Copelli (2014) e Oliveira (2012).

O argumento que tento traçar aqui é similar ao que Goldman propôs a partir dos interlocutores ilheenses, os pentecostais da igreja do Evangelho Quadrangular em Santarém propõem um novo olhar à democracia representativa, posto que reproduzem no “mundo terreno” a *batalha*

travada no plano astral, [...] à eleição de fiéis para os cargos públicos, com o intuito de neutralizar as ações dos demônios, a atuação do fiel neopentecostal não fica restrita à rotina dos templos e à obediência dos preceitos deste segmento religioso: vai além. Vai às urnas. (COPELLI, 2014: 9)

E essa postura, pode se assemelhar ao que Weber menciona sobre os fatos religiosos serem consoantes a este mundo, e suas ações corriqueiras. Assim os pentecostais refletem no mundo cotidiano a luta que acreditam travar no mundo “espiritual”, as células que estão no cotidiano do fiel da igreja, reflete no cotidiano do

eleitor que vai a urna. As células se transformam no palco de lutas políticas partidárias, em meio as batalhas espirituais de uma universo complexo de fatores religiosos que são comuns as igrejas pentecostais.

Considerações finais

Segundo Silva Dias (2009) e Campos (2005) é possível observar o surgimento dos pentecostalismos enquanto reelaboração de algumas doutrinas e práticas religiosas, o qual se expandiu em populações vistas como marginais em paralelo à urbanização das periferias. Em alguns casos, tal crescimento assumiu um caráter “revolucionário” como foi o caso da escolha, pelos cristãos pentecostais norte americanos, de reconhecer como patriarca dessa vertente, Willian Seymour, jovem negro, e não seu ”discipulador”, Charles F. Parhan que por seu racismo segregava Seymour o fazia assistir suas reuniões sozinho no corredor (Campos 2005).

A atuação das igrejas pentecostais no Brasil tiveram três ocasiões de *efervescência* que trouxeram formas particulares de organização e ênfase doutrinárias distintas. Esses momentos foram chamados pela literatura sociológica da religião de “três ondas do pentecostalismo brasileiro” (FRESON 1993 apud ALMEIDA, 2006:1) Ou ainda de: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo por Ricardo Mariano (2004), (Oliveira 2012) e (Silva 2007). Ronaldo Almeida (2006) em sua análise sobre as rupturas e continuidades do campo religioso protestante pentecostal brasileiro afirma:

“ainda não surgiu uma nova inflexão tão significativa no interior deste segmento que pelo menos tenha se consolidado. Não há recentemente nada mais impactante do que a mudança no final dos anos 70 e nos 80 entre os pentecostais e de forma mais alargada entre os evangélicos.” (Almeida, 2006: 2)

No entanto as igrejas no *modelo de células* que surgem e ganham visibilidade no cenário nacional no início da década de 1990, caracterizadas pela recorrência de cultos nas residências, ênfase no acompanhamento dos fiéis por outros fiéis, através do *discipulado*. Abre margem para que possamos pensar em uma “nova onda” do protestantismo brasileiro. A análise da estrutura celular dessas igrejas mostra-nos assim dois aspectos complementares: uma forma de organização por células; e um caráter “revolucionário” dado pela fé, através de “atos proféticos”.

Tais aspectos complementares adotados na visão celular, tomados como monadas de Tarde (2007) e células assumidas como tal, exemplificam o estar no mundo em suas diferentes formas: local de evangelização, doutrinação religiosa, zona de produção de dissidentes doutrinários e ainda parte do processo eleitoral.

Delimitando o posicionamento das igrejas protestantes frente aos fluxos de credos não cristão, percebemos que o “movimento” celular é novamente originário fora do país, assim como a gênese do Pentecostalismo. Entendo as células em si como portadoras de todas as facetas dos projetos da igreja, sejam religiosos ou apenas “vestidos de religião” como aponta Mariz (2000), secularizados ou dessecularizados como aponta Berg (2000). O mapear dessas células aponta para uma noção diferenciada de postura, pois tomamos a *parte* (células) como abrangente e totalizante sobrepondo-se ao *todo*, o projeto da igreja.

Bibliografia.

ALMEIDA, Ronaldo de. Traduções do Fundamentalismo Evangélico **In: WRIGHT, Robin (Org.). Transformando os deuses VII: Igrejas Evangélicas, pentecostais, neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 33-54.

ALMEIDA, Ronaldo. "A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade" pp 1-16. In: F. Teixeira e R. Menezes (Org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas.* Petrópolis: Vozes. 2006.

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTEIRO, Paula. **Trânsito religioso no Brasil.** São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 3, jul./set. 2001. p. 92-100.

ANDRADE, Eliana Santos. *A VISÃO CELULAR NO GOVERNO DOS 12, Estratégias de crescimento, participação e conquista de espaços entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008.* Dissertação .UFBA. Salvador 2010.

ARGACHOF, Márcio. **G12: O fruto do engano no Corpo de Cristo.** Revisores Teológicos: Pr. Alexandros D. Meimaridis e Pr. Magno Paganelli. Estudo teológico.

BIBLIA ONLINE. Almeida Corrigida e Revisada em: <https://www.bibliaonline.com.br>

BATESON, Gregory. *Espiritu y Naturaleza.* Buenos Aires: Amorrortu, 2002.

BERGER, Peter L. ***O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião.*** São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

_____ A dessecularização do mundo: Uma visão global. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 21(1): 9-24, 2000.

BOURDIEU. Pierre, **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: ed. UNESP, 2004.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro**: in REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.

CLIFFORD, James A experiência etnográfica. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 4 ed. 2011.

COPELLI, Giancarlo Montagner. Neopentecostalismo E Democracia No Brasil: Entre Os Eleitos De Deus, Há Espaço Para Os Iguais Da Democracia?:in revista Juridica Direito, Sociedade e Justiça v 1 n 1 (2014): edição de 2014 disponível em <http://periodicos.uems.br/novo/index.php/RJDSJ/article/viewFile/4160/2105>

DA MATTA, Roberto. O Ofício do etnólogo, e como ter Anthropological blues. Boletim do Museu Nacional. Nº 27. 1978.

_____ A casa e a rua. Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. 5 ed. 1997

ESTATUTO DA IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR. Conselho Nacional de Diretores. 2003. Disponível em <http://quadrangularbarueri.com.br/igreja/estatuto-da-igreja> visto em 25 de 05 de 2015.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOLDMAN, Marcio. “O Fim da Antropologia”. Novos Estudos CEBRAP, 89:195-211, 2011.

GOMES, Elias Evangelista. **Pastores e ovelhas os sujeitos na socialização no aprisco do Senhor**. In Ensaios etnográficos sobre a socialização da juventude para a sexualidade e a fé: “vem, você vai gosta!” São Paulo. 2010

GONÇALVES, Religião e representação política: a presença evangélica na disputa eleitoral brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**. v. 10, N. 116, p 13 a 20. 2011.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos – Ensaios de Antropologia Simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MALINOWSKI, Bronislaw. A Scientific Theory of Culture and other essays. A Galaxy Book: Oxford University Press, New York, 1960.

MARIANO, Ricardo. **MUDANÇAS NO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO NO CENSO 2010**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. ESTUDOS AVANÇADOS 18 (52), p 121-138, 2004.

MAGNANI, J. Guilherme, De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 17 N 49. p. 11-29 urbana. São Paulo, Edusp/Fapesp. 2002.

MARIZ, Cecília Loreto. Secularização E Dessecularização: Comentários A Um Texto De Peter Berger. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 21(1): 25-39, 2000.

OLIVEIRA, Isabel Cristina Veloso de. A teoria da escolha racional e o comportamento eleitoral neopentecostal. Pensamento Plural | Pelotas [10]: 101 - 117 janeiro/junho 2012

- PIERUCCI, Antônio Flávio. “**A religião como solvente – uma aula**”. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, 75: 111-127 2006.
- SANTOS SILVA, Paulo dos. Política e religião: as eleições presidenciais de 2010. XII Salão de Iniciação Científica – PUCRS, 03 a 07 de outubro de 2011.
- SEEGER et al. 1987. “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”, in: Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Marco Zero/Editora UFRJ, pp. 11-29.
- SILVA DIAS, Caroline Luz. **Neopentecostalismo e “visão celular no modelo dos 12”**: novas formas de ser protestante no Brasil. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.
- SILVA, Francisco Jean Carlos da. Pentecostalismo e Pós-Pentecostalismo. Revista Eletrônica Inter-Legere. Número 2 – julho a dezembro de 2007. Pp 1-7 disponível em: <http://cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/2/es01.pdf>. Acesso 14 de janeiro de 2016.
- SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. In: Estudos Teológicos. v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997.
- SZTUTMAN, Renato. Marcio Goldman. Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política. *A política para além da política*. Revista de antropologia v 50 n 2 p 851-866. Julho-dezembro. São Paulo. 2007.
- SOUSA, Diego D. S. Uma descrição sobre Igrejas no Modelo de Células, Uma Análise Antropológica. 2016. Monografia (Graduação em Bacharelado em Antropologia) Programa de Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal do Oeste do Pará.
- TARDE, Gabriel. **Monadologia e Sociologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- VELHO, G. 1978. “Observando o familiar”. In: Edson Nunes (Org.). *Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 36-46.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, Gabriel. *Sociologia: Max Weber*. São Paulo – SP: Editora Ática S.A., 1991.
- _____. *Sociologia da Religião*. In: *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn, 4ª edição, Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- WRIGHT, Robin. Kapfhammer,----. Introdução. In: *Transformando os deuses VII: Igrejas Evangélicas, pentecostais, neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil*. WRIGHT, Robin. (Org.) Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 11-33.